

# Clóvis Moura: um intelectual disruptivo

Petrônio Domingues\*

## Resumo:

O artigo tem a pretensão de escarafunchar as memórias do autor acerca de Clóvis Moura e, a partir daí, discutir os sentidos e significados do “entrelugar” desse intelectual negro no pensamento social brasileiro. Destaque especial será conferido ao trabalho de revalorização que, atualmente, tem sido realizado em torno da obra de Moura, intelectual cujas ideias se inscrevem na tradição negra radical.

**Palavras-chave:** Clóvis Moura; intelectual; raça; classe; marxismo negro.

## Clóvis Moura: a disruptive intellectual

## Abstract:

The article aims to explore the author's memoirs about Clóvis Moura and, from there, discuss the senses and meanings of the “between place” of black intellectuals in Brazilian social thought. Special emphasis will be given to the work of revaluation that has currently been carried out around the work of Moura, an intellectual whose ideas are reflected in the radical black tradition.

**Keywords:** Clóvis Moura; intellectual; race; class; black marxism.

## Introdução

Conheci a obra de Clóvis Steiger de Assis Moura quando cursava a minha graduação na Universidade de São Paulo (USP), durante a década de 1990. A universidade representou um divisor de águas na minha formação intelectual e política. Já no primeiro semestre da graduação em Ciências Sociais, em 1992, enfronhei-me no movimento estudantil e ingressei na Convergência Socialista, uma corrente política marxista, de orientação trotskysta, que defendia um programa

---

\* Doutor em História pela Universidade de São Paulo, bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, Brasil. End. eletrônico: [pjdomingues@yahoo.com.br](mailto:pjdomingues@yahoo.com.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0116-5064>.

revolucionário – anticapitalista. A Convergência Socialista se organizava como tendência interna do Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 1992, durante a mobilização nacional pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, conhecida como Fora Collor, a Convergência Socialista fez campanha aberta pela realização imediata de novas eleições presidenciais, contraindo a diretiva do PT, o que levou à sua expulsão dessa agremiação partidária. Após sua saída, junto com outros setores marxistas e descontentes com a linha reformista do PT, fundaram o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

No segundo ano da graduação, eu me decepcionei com o curso de Ciências Sociais e resolvi abandoná-lo. Prestei um novo vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), por meio do qual ingressei no curso de História, na mesma instituição. A essa altura, eu passei a me interessar pelo trabalho que a Secretaria de Negros e Negras do PSTU desenvolvia. E foi lá que talvez pela primeira vez eu ouvi falar no nome de Clóvis Moura.

Nos documentos de formação que a secretaria produzia, especialmente a revista *Raça e Classe*, abordava-se o debate entre o marxismo e a “questão negra”<sup>1</sup>. Lembro-me particularmente da controvérsia reportada, na órbita da Quarta Internacional (QI) no final da década de 1930, entre Leon Trotsky e C. L. R. James, um jornalista e historiador negro de Trinidad e Tabago, que se destacou, tanto no movimento trotskysta como pan-africanista. Sua estratégia revolucionária me chamou atenção por postular um programa no qual combinava a luta de *raça e classe*, ou seja, James buscava associar os embates antirracistas à luta contra o capitalismo – o sistema que teria criado o racismo e vinha se beneficiando dele ao longo da história<sup>2</sup>.

Percebi que, no Brasil, Clóvis Moura era um intelectual negro que também esposava um projeto semelhante, na medida em que procurava articular o marxismo e a questão racial à luz mormente de uma releitura da formação nacional. Por iniciativa própria, li o seu livro *Rebeliões da senzala*, de 1959, que entabulava uma abordagem arrojada: interpretar a experiência negra no Brasil pelas lentes do materialismo histórico. O livro buscou se contrapor à concepção de que, no país, engendraram-se relações escravistas harmoniosas, uma antiga ideia sistematizada por Gilberto Freyre no início da década de 1930 (Domingues, 2023, p. 14).

Tomando a dinâmica da sociedade escravista pela chave da violência e, sobretudo, da resistência ao regime de cativo, Moura centrou o seu olhar nas

---

<sup>1</sup> *Raça e Classe*. Revista da Secretaria Nacional de Negros e Negras do PSTU. São Paulo: Ed. Desafio, [s.d.].

<sup>2</sup> Sobre o debate de Trotsky e C. L. R. James acerca da estratégia marxista revolucionária para a “questão negra”, ver Domingues e Mata (2021).

revoltas e nos quilombos em várias regiões do Brasil, suas formas de organização, seus projetos de liberdade, suas estratégias de luta, suas relações com a sociedade e outros movimentos sociais e políticos. Além de assinalar a rebeldia quilombola como expressão da contradição fundamental do sistema escravista, Moura realçava o papel ativo da população negra na formação civilizacional da nação, não só do ponto de vista cultural, mas também social, político e econômico (Mesquita, 2003, p. 560).

A leitura de *Rebeliões da senzala* – cuja narrativa girava em torno da resistência dos escravizados, notadamente quilombolas, e da tradição negra radical – me surpreendeu, causando admiração. Nesse roldão, um artigo dele, “O racismo como arma ideológica de dominação” (Moura, 1994b), também me impactou.

A partir dali, eu resolvi ler outros escritos de Moura – como *O negro, de bom escravo a mau cidadão?* (1977), *Brasil: raízes do protesto negro* (1983), *As injustiças de Clío: o negro na historiografia brasileira* (1990) e *Dialética radical do Brasil negro* (1994a) –, autor que se tornou uma referência para mim, processo que foi cristalizado quando, no último ano da minha graduação, eu cursei a disciplina optativa *Aspectos da Cultura Negra*, ministrada por Wilson do Nascimento Barbosa, o único professor assumidamente negro do Departamento de História da USP. Barbosa incluiu no programa da disciplina a discussão de textos do Clóvis Moura, especialmente capítulos do livro *Sociologia do negro brasileiro* (1988), e dizia que conhecia o autor pessoalmente, embora não fossem amigos.

Em 1998, ingressei no mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da USP, sob a orientação justamente do Wilson Barbosa, mais conhecido como Wilsão, entre os seus orientandos e amigos. Nessa altura, eu participava do Núcleo de Consciência Negra (NCN) na USP, do qual fiz parte da coordenação executiva da entidade e, na sequência, assumi o cargo de coordenador do curso pré-vestibular do NCN, voltado a atender à população negra e carente. Na grade curricular do curso, mantínhamos a disciplina *Cidadania e Consciência Negra*, um espaço aberto ao público no qual promovíamos palestras com intelectuais do movimento negro ou professores da USP, que debatiam questões raciais e sociais de um modo geral.

Como Clóvis Moura era um dos intelectuais negros mais conceituados no NCN, resolvemos convidá-lo para ministrar uma palestra no espaço daquela disciplina. Telefonei para ele, que aceitou o convite de chofre. Sua preleção foi concorrida. Pudera. Moura era um intelectual de pouca visibilidade nos círculos acadêmicos uspianos, porém bastante conhecido no movimento negro. Depois da palestra, fui levá-lo à sua residência, no bairro da Pompeia, e iniciamos uma interlocução que se estendeu até o seu falecimento. Passei a frequentar a sua casa. Na verdade, ele costumava me atender em seu escritório de trabalho, no porão adaptado do imóvel, onde também estava instalada sua biblioteca, com um acervo admirável.

Na medida em que estabeleci laços de proximidade com Moura, convidei-o para fazer parte da minha banca examinadora do mestrado. Isso ocorreu porque ele me contou que havia recebido, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, o título de Doutor *honoris saber*, o que lhe permitia participar de bancas examinadoras de pós-graduação. Ainda assim, percebi que ele se surpreendeu com o meu convite, sentiu-se lisonjeado e, sem maiores delongas, respondeu positivamente. Já eu fiquei contente em tê-lo como leitor e examinador de minha pesquisa, realizada sob a influência de seu repertório analítico, daí o uso que faço da categoria “grupo específico”, por exemplo.

14 de fevereiro de 2001. No salão nobre da FFLCH, durante uma tarde quente do verão paulistano, eu defendi minha pesquisa de mestrado, que posteriormente foi publicada sob o título *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição* (Domingues, 2003b). Moura foi generoso na arguição: preferiu frisar os acertos e qualidades do trabalho, em vez de mirar nas falhas e imperfeições (ver Anexo).

Naquele mesmo ano de 2001, ingressei no doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da USP, com o projeto de pesquisa: “A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)”. Tive a satisfação de discutir o projeto com Moura, que, na condição de conhecedor da trajetória da Frente Negra, apontou possibilidades de abordagens e problematizações e me sugeriu fontes.

Continuei a frequentar o seu escritório, onde em 2002 eu o entrevistei, ocasião na qual ele fez um balanço dos estudos recentes sobre a escravidão e as relações raciais no Brasil. A entrevista, a última que ele concedeu em vida, foi publicada na *Ethnos Brasil*, revista do Núcleo Negro (Nupe) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) (Moura, 2005).

Também foi lá, no escritório, que Moura me convidou para escrever um dos capítulos do livro que Luiz Sávio de Almeida, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), estava organizando. O livro *O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura* foi publicado em 2003 e o capítulo de minha autoria se nomeou “O injustiçado de clio” (Domingues, 2003a). Fiquei feliz com o convite para participar daquele livro, pois, para mim, era uma honra escrever sobre uma de minhas fontes de inspiração, um intelectual cuja obra lia sobejamente.

Por sinal, foi nessa época que passei a coligir sistematicamente os livros de Moura. Minha intenção não era outra senão montar um acervo com todas as obras da lavra dele. No entanto, ele próprio não tinha exemplares de algumas dessas publicações. Como a maioria delas estava esgotada, sua aquisição tornava-se uma missão nada fácil. Recordo-me que costumava encontrá-las escarafunchando sebos, sobretudo o Sebo Brandão, que funcionava no centro histórico de São Paulo, próximo à Biblioteca Mário de Andrade, e mantinha em seu acervo uma seção de

livros sobre a questão racial. Foi lá que eu encontrei, depois de anos de procura, *O negro, de bom escravo a mau cidadão?*, livro esgotado e raríssimo, publicado em 1977, que me custou um valor ingente.

Ao longo da realização de meu doutorado, em 2003, eu passei no concurso para professor efetivo do colegiado de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no *campus* de Marechal Cândido Rondon, uma cidade do interior paranaense localizada no extremo oeste do estado, na fronteira do Brasil com o Paraguai. Mudei-me para lá e isso levou ao afastamento de meu convívio com Moura.

Isso, no entanto, não impediu que ele, esporadicamente, enviasse-me notícias, como a da publicação do livro em sua homenagem, que o deixou feliz. Nessa época, a era digital não estava consolidada no Brasil. Com efeito, Moura não era adepto das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Por exemplo, quem operava o seu *e-mail*, lendo e respondendo às mensagens, era a Soraya Moura, sua filha.

Foi nesse contexto, de troca de mensagens de quando em vez com Moura, que eu recebi pelo correio uma postagem de Giselda Steiger Moura, sua esposa. Dentro do envelope, dois itens: um exemplar do livro *As encruzilhadas dos orixás: problemas e dilemas do negro brasileiro* e uma carta. O livro tinha sido publicado pela editora da UFAL naquele ano (2003). Como se tratava de uma editora universitária nordestina com modesta estrutura de distribuição, era difícil adquirir a obra morando no Sul. Pedi a intermediação de Moura que, gentilmente, prometeu-me enviar um exemplar. Se a chegada do livro já estava prevista, não se pode falar o mesmo do outro item que fez parte daquela postagem: a carta assinada pela Giselda Moura, comunicando-me que o esposo tinha vindo a óbito:

Conforme sua mensagem de 16/11/2003, segue em anexo o livro de autoria do Clóvis Moura, 'A Encruzilhada dos Orixás'. Deixo de lhe mandar os demais livros mencionados por não ter exemplares disponíveis. No entanto, o senhor os conseguirá na Edufal, acessando o site da editora. No mais, certamente é do seu conhecimento o falecimento de meu marido, Clóvis Moura, em 23/12/2003 (Moura, G., 2004).

A notícia me deixou atônito. É verdade que eu já sabia, desde o momento que conheci Moura pessoalmente em São Paulo, que ele enfrentava problemas relacionados à saúde debilitada, quadro que foi se agravando no decorrer dos anos, mas também é verdade que eu nunca tinha aventado o seu finamento, que ocorreu em 23 de dezembro de 2003. A notícia chegou a mim com um *delay* de meses. O passamento de Moura não repercutiu, seja na imprensa, seja no meio acadêmico, indicando que, naquele contexto, ele não era um intelectual celebrado, para além dos estratos do movimento negro.

Seja como for, sua obra acabara de ser estudada por Érika Mesquita, uma pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que realizou a primeira investigação acadêmica sobre ele. Trata-se da dissertação de mestrado *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp em 2002. Mesquita também foi precursora em ter publicado, no ano seguinte, um artigo acadêmico sobre o intelectual piauiense (Mesquita, 2003), sem contar o obituário circunstanciado que ela escreveu por ocasião de seu falecimento (Mesquita, 2004).

A partir dali, começou um movimento bifurcacional: se, por um lado, seu nome parecia que continuaria num “entrelugar” (Bhabha, 2001) no âmbito da *intelligentsia* brasileira; por outro, sua obra e suas ideias despertaram, gradativamente, o interesse de uma nova geração de pesquisadores, alguns dos quais pessoas negras, que no terceiro milênio passaram a desbravar os programas de pós-graduação nas universidades públicas.

## No limbo

Por que Moura, até então, não era reconhecido por boa parte da historiografia, das ciências sociais de modo geral, enfim, pelas instâncias de consagração intelectual no Brasil? É difícil responder a essa pergunta peremptoriamente. Vários fatores, combinadamente, contribuíram para isso. Em 1959, Moura lançou *Rebeliões da senzala*, livro de estreia, que delineava as linhas mestras de suas ideias “críticas” e “radicais”, que receberam pouca aceitação, seja no círculo de pensadores marxistas, seja no dos intelectuais acadêmicos.

Os intelectuais marxistas, especialmente os ligados ao Partido Comunista do Brasil (PCB), preconizavam uma concepção de história elaborada a partir das condições materiais de existência e da dinâmica da luta de classes, por isso não viam com bons olhos o marxismo de Moura, que, embora investisse numa análise materialista da formação da sociedade brasileira, no geral, e da experiência negra, no particular, supostamente não conferia primazia à luta de classes, antes procurava interseccionar as questões de classe e raça.

Já os intelectuais acadêmicos escantearam a obra de Moura devido ao contexto de institucionalização das ciências sociais no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1960, quando se definiu que a pesquisa acadêmica devia ser feita por profissionais qualificados – a saber: possuir curso superior –, ter uma base empírica de investigação e se pautar por métodos e técnicas científicas de análise.

Diante desse contexto, a obra de Moura recebeu a pecha de ensaísta, militante, desprovida, assim, de rigor científico. De fato, o intelectual piauiense preconizava uma sociologia da práxis, ou seja, uma sociologia desalienante, comprometida com um projeto de emancipação humana e transformação da ordem

dominante, mas daí não é possível inferir que sua produção tenha um caráter diletante ou panfletário.

Outro fator que contribuiu para a secundarização de Moura foi o fato de seu “lugar de fala” não ser uma instituição universitária. Vez que ele atuava profissionalmente como jornalista e não realizou carreira acadêmica, isso também dificultou a sua inserção e capilaridade nas redes de reconhecimento e consagração intelectuais no Brasil. Seja como for, ele procurou se afirmar como “intelectual-político”, independente, “polemista, autodidata e sem especialização acadêmica” (Oliveira, 2016, p. 137).

Na década de 1970, Moura passou a conferir atenção especial aos estudos sobre a população negra, com incursões nos espaços institucionais e políticos abertos à discussão da questão racial, o que demarcaria a sua aproximação com o movimento negro, que se rearticulava no período. É controverso o momento em que Moura, um intelectual forjado nas lides do comunismo, assumiu sua negritude. O que se sabe é que, a partir dos anos 1970, ele passou a se autodeclarar publicamente como intelectual negro e, ao contrário dos anos 1950 e 1960, manteve laços estreitos com as organizações negras e antirracistas, a exemplo do Movimento Negro Unificado (MNU), de 1978, e da União dos Negros Pela Igualdade (Unegro), de 1989 (Mesquita, 2002).

O movimento negro, por sua vez, acolheu a interpretação de Moura da história social do negro com entusiasmo, afinal, coincidia com as expectativas das lideranças do movimento que se reorganizava em torno da denúncia do “mito da democracia racial”. Sua estampa foi elevada pelos ativistas afro-brasileiros ao patamar de ícone e leitura obrigatória para se conhecer a história da experiência negra em *terra brasilis* e subsidiar os debates e embates no campo das relações raciais, do racismo e do antirracismo. A condição de intelectual negro granjeou a Moura um maior reconhecimento público de sua produção intelectual, o que não alterou, no entanto, seu “entrelugar” (Bhabha, 2001) de intelectual marginal no *establishment* do mundo acadêmico.

Contudo, a história é dialética. Desde a década do passamento do intelectual piauiense, emergiram vozes e iniciativas que se empenharam na divulgação de seu legado. Basta dizer que, em 2004, o *Dicionário da escravidão negra no Brasil*, livro póstumo de Moura, foi publicado pela Editora da USP. Conforme ele próprio me relatou, o dicionário foi um projeto dispendioso, ao qual se dedicou por anos. Depois de concluído o original, ele tentou publicá-lo, batendo na porta das editoras. Sem sucesso. Faz sentido o seu relato, afinal, quando frequentei o seu escritório, o dicionário estava finalizado – tive a oportunidade de folhear o original datilografado –, porém, engavetado. Assim, ao que tudo indica, a publicação do dicionário por uma respeitada editora universitária só foi possível graças à intermediação de João Baptista Borges Pereira, professor do Departamento de Antropologia da USP e amigo do intelectual piauiense (Pereira, 2004).

Se o nome de Moura era colocado em circulação no meio acadêmico apenas episodicamente, esse quadro sofreu uma inflexão a partir de algumas apropriações e ressignificações de sua fortuna crítica que floresceram ao longo do primeiro quartel do século XXI. Em 2009, Fábio Nogueira de Oliveira defendeu a dissertação de mestrado *Clóvis Moura e sociologia da práxis negra*, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, da Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisa de Oliveira é importante por ter, entre outros motivos, vertido-se no livro *Clóvis Moura: trajetória intelectual, práxis e resistência negra*, lançado em 2016.

Consiste no primeiro livro acadêmico dedicado exclusivamente a examinar a vida e as ideias do intelectual piauiense. Seu argumento central é o de que a “sociologia da práxis – marxismo – de Clóvis Moura se concentrou na práxis do negro e, a partir dela, construiu um discurso alternativo sobre o negro político, a *quilombagem*”. O intelectual piauiense não apenas teria aplicado a interpretação marxista às condições histórico-sociais da população negra no escravismo; ele “expandiu seu conteúdo original e o enegreceu. A práxis do negro, para Moura, enegrece o marxismo e o transfere da realidade pensada pelos intelectuais à realidade vivida pelos sujeitos históricos” (Oliveira, 2016, p. 199-200).

### **A fênix de *mnemosine*?**

Com o tempo, um emaranhado de narrativas, escritos e agenciamentos – individuais e coletivos – confluiu para um movimento de revalorização da obra e do pensamento de Moura. Mas como isso ocorreu? Também é difícil responder a essa pergunta terminantemente. Vários fatores, conjugadamente, contribuíram para isso. A partir do século XXI, a agenda das questões raciais instalou-se no Brasil, ensejando uma inédita arena de debate público, com impactos não apenas político-institucional, mas constitucional, intelectual, ético e ideológico.

A população negra tornou-se sujeito de direitos no contexto de uma nação em busca da superação do fantasma do racismo, um marcador traduzido como fundamento para pleitos de reconhecimento identitário, de justiça distributiva e de reparação histórica (Paschel, 2016). Políticas públicas foram implementadas em favor da população negra, das quais se destacaram os programas de ações afirmativas e cotas raciais nas universidades públicas. Em 2003, foi sancionada a Lei nº 10.639, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. Em 2010, o Estatuto da Igualdade Racial foi aprovado no Congresso Nacional, com a meta de fixar direitos para afro-brasileiros em várias estâncias da vida social, econômica e cultural.

Do ponto de vista da atmosfera intelectual, cabe mencionar a fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), em 2000, tendo como finalidade congregar os pesquisadores afro-brasileiros, além de fomentar o desenvolvimento de epistemologias negras à luz da experiência afrodiaspórica e de



outros sistemas de conhecimentos alternativos ao cânone. De acordo com Nilma Gomes, os intelectuais negros que organizaram, fundaram e participam da ABPN são “também aqueles que, na sua maioria, integram, fundam e coordenam os vários Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) existentes no país”, que tematizam as diversidades étnico-racial a partir das ações de ensino, pesquisa e extensão (Gomes, 2010, p. 501).

Na esteira do debate sobre novas epistemologias, ganhou força no Brasil, tanto os estudos e teorias pós-colônias e decolônias, quanto as investigações e discussões sobre intelectuais negros e negras, brasileiros – como Virgínia Bicudo, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento – e estrangeiros (como Angela Davis, bell hooks, Patricia Collins, W. E. B. Du Bois, Frantz Fanon, Achille Mbembe).

A questão que passou a ser colocada é que, “ao reivindicar o direito ao conhecimento e o direito como produtores de conhecimento, os intelectuais negros desnaturalizam o cânone e ajudam a desvelar o quanto ele sempre foi racial, androcêntrico, eurocêntrico e classista”. E é esse mesmo potencial de questionamento que exige desses intelectuais estofo e competência para produzirem um conhecimento “denso que se coloca como alternativa ao cânone e aos ideais da branquitude nele presentes”. Demanda, também, o descortinar das formas por meio das quais a “ideologia racista oculta a dominação econômica e étnico-racial e sustenta a alienação sobre os conhecimentos produzidos pelos grupos sociais com histórico de discriminação e exclusão presente no imaginário e nas práticas sociais e acadêmicas”. Trata-se de uma contribuição importante à recuperação da história, das lutas e da memória afro-brasileiras. Os intelectuais negros “são sujeitos autoconhecedores dessa história e das lutas do seu povo e as interpretam, reinterpretem, analisam e investigam no interior da ciência” (Gomes, 2010, p. 508-509).

Foi nesse contexto – em que o Brasil finalmente sinalizou pela promoção do multiculturalismo em nome do direito ao reconhecimento da diferença, à reparação, ao orgulho racial e à construção de outros saberes relacionados à emergência da categoria intelectuais negros – que Clóvis Moura passou por um processo de ressignificação pelo *establishment* acadêmico.

Em 2013, Gustavo Orsolon de Souza defendeu a dissertação de mestrado *Rebelões da senzala: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro*. Naquele mesmo ano, Mary Vânia Nogueira Ferreira apresentou a dissertação “*Raça*” e classe no pensamento social brasileiro: uma abordagem sobre a obra de Clóvis Moura. Em 2017, Ana Paula da Silva concluiu a primeira tese de doutorado sobre o intelectual piauiense – *O contrário de “casa grande” não é senzala. É quilombo! A categoria práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura*. Na seara dos doutorados, José Maria de Andrade defendeu a tese *Sem candura nas palavras: Clóvis Moura e os dilemas intelectuais do antirracismo no Brasil*, em 2019.

Já no que tange aos artigos acadêmicos, Fábio de Oliveira publicou “Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura”, em 2011; Weber Góes e Renato Correia assinaram “Clóvis Moura: delineamentos gerais para a superação do racismo à brasileira”, artigo de 2015, que fez parte do dossiê “Marxismo e questão racial”; Cleber Vieira é autor de “Clóvis Moura e a fundação do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas”, de 2017, e de “Imprensa e resistência negra em Clóvis Moura: de documento histórico a grupo específico de autodefesa”, de 2018.

No ano seguinte, foi a vez de Márcio Farias publicar *Clóvis Moura e o Brasil*, livro que se somou à mobilização em prol da legitimação do intelectual piauiense, dentro e fora do mundo acadêmico. A obra é um ensaio introdutório e analítico sobre Moura, centrado mais na sua produção intelectual e circunstâncias, do que no desenrolar de sua trajetória pessoal. “Este ensaio”, pondera Farias, “tem como objetivo instigar os leitores a uma leitura crítica desse grande intelectual brasileiro, de maneira a inseri-lo naquilo que foram suas contribuições para entender o Brasil” (Farias, 2019, p. 16).

Em 2022, Clóvis Moura ganhou uma biografia, assinada por Teresa Malatian. No livro, a historiadora analisou os espaços de sociabilidade por onde Moura transitou, tendo como ponto de partida a intensa correspondência com intelectuais de sua época: “Diversas redes inevitavelmente se entrelaçam com a política e revelam matrizes de seu pensamento vinculadas ao marxismo, engajamento que esteve presente ao longo de sua obra de cunho histórico e sociológico”, afirma Malatian (2022). Parte importante da pesquisa foi realizada no Centro de Documentação de Memória (Cedem), da Unesp, que adquiriu a guarda do acervo de Moura após o seu passamento.

Naquele mesmo ano de 2022, ocorreu o projeto “Intérpretes Negras(os) do Brasil”, um ciclo de debates que o Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc-SP) patrocinou sobre a obra de autores negras(os) como parte fundamental do pensamento social brasileiro. Márcio Farias não só participou do primeiro encontro do ciclo, abordando a vida e o pensamento de Clóvis Moura, como ainda gravou um vídeo, disponível no YouTube, para percorrer sobre o intelectual piauiense. Seu livro, *Clóvis Moura e o Brasil*, lançado pela editora Dandara, esgotou-se, o que sinaliza uma demanda pelas ideias de um autor ligado à tradição negra radical.

No tocante à editora Dandara, esta vem se distinguindo no trabalho de promoção do nome e dos escritos de Moura. A editora adquiriu os direitos autorais para a republicação de quase todas as suas obras<sup>3</sup>. Para tanto, criou a coleção Clóvis

---

<sup>3</sup> A editora Dandara, por exemplo, não detém os direitos autorais do livro *Sociologia do negro brasileiro*, que originalmente foi publicado pela editora Ática, em 1988, e que recebeu uma reedição pela editora Perspectiva, em 2019.

Moura que, até aqui, reeditou quatro volumes (*O negro: de bom escravo a mau cidadão?; Os quilombos e a rebelião negra; Brasil: as raízes do protesto negro* e *História do negro brasileiro*). São edições que, frutos de projeto gráfico e investimento em *merchandising* pelas plataformas digitais esmerados, têm recebido uma boa acolhida do público. Além disso, a editora Dandara tem oferecido cursos de formação a partir dos lançamentos das obras da coleção Clóvis Moura, animando, ainda, eventos para debater a importância desse autor para o pensamento social brasileiro.

Concernente aos eventos, merece nota o seminário “O pensamento radical de Clóvis Moura: dez anos de sua morte”, organizado pela Fundação Maurício Grabois, ligada ao PC do B, em 2014. O seminário contou com a participação do antropólogo Kabengele Munanga e de lideranças negras, como Olívia Santana, Sueli Carneiro e Edson França. Na ocasião, houve o lançamento de uma edição especial da revista *Princípios* sobre Clóvis Moura, além da quinta edição do livro *Rebeliões da senzala*.

Nos últimos anos, atividades dessa natureza ganharam musculatura. Nesse sentido, cabe mencionar o curso de extensão “Introdução ao pensamento social de Clóvis Moura”, promovido pelo Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-americanos (Proafro) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2020; o Seminário Clóvis Moura, oportunizado *on-line* pelo CPF do Sesc-SP em 2021; o ciclo de atividades “135 anos após a Abolição”, que contou com a mesa “Clóvis Moura e o marxismo negro” e ocorreu na UFF, em maio de 2023; e o Seminário 20 anos de Clóvis Moura: um Guerreiro Sem Repouso, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em dezembro de 2023.

Contudo, o evento dessa natureza de maior envergadura foi o Seminário 20 anos sem Clóvis Moura, organizado por pesquisadores e docentes da Unicamp em novembro de 2023. Realizado sob os auspícios do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp no mês da Consciência Negra e contando com diversas atividades – mesas temáticas, grupos de trabalho e uma sessão plenária –, o seminário foi um marco: reuniu em uma proeminente universidade pública jovens e experientes pesquisadores, de várias áreas e rincões, que se debruçaram em torno da vida e obra de Moura, impulsionando um viçoso espaço de reflexão e de debate sobre a importância do legado acadêmico e político do intelectual piauiense.

## **Na berlinda**

Os intelectuais negros e negras produzem conhecimento na encruzilhada entre discursos hegemônicos e contra-hegemônicos que denotam a guerra entre racionalidades e nos espaços de poder historicamente instituídos. Na sua produção escrita, na sua intervenção social, literária e acadêmica, esses intelectuais expressam um olhar marcado não só pela sua condição de classe, mas, também, pela raça. São

sujeitos racializados que, dentro de qualquer campo do conhecimento nos quais estiverem atuando, indagam a sociedade, a universidade e a ciência do lugar da raça e de sua “capacidade de se colocar diante dos problemas e demandas sociais de seu tempo e gerar conhecimento e ações que impulsionem a sociedade e a própria ciência a se democratizarem cada vez mais e se redefinirem por dentro e por fora” (Gomes, 2010, p. 495).

No último quartel, a produção, a história, as tensões, os projetos e os desafios enfrentados pelos intelectuais negros ganharam projeção, com estudos e pesquisas apontando o caráter inovador, contestador e a radicalidade política do conhecimento e das práticas por eles produzidos.

Mais recentemente, instaurou-se no país o debate sobre marxismo negro, aliás, um debate candente, provocado em boa medida pelo lançamento, em 2023, do livro *Marxismo negro*, de Cedric Robinson. Trata-se da tradução de uma obra publicada originalmente nos Estados Unidos, em 1981 (Robinson, 2023). Antes dessa tradução, o termo “marxismo negro” era pouco conhecido no Brasil. Dos estudiosos de Clóvis Moura, Fábio de Oliveira (2009) foi pioneiro em fazer uso do termo para definir o tipo de marxismo produzido pelo intelectual piauiense. De fato, este se valeu de um marxismo “heterodoxo”, um método de análise da formação da sociedade brasileira alicerçado na tradição negra radical ou, nos termos de Daniel Montañez, no marxismo negro, uma tentativa de traduzir o marxismo à luz das experiências de vida da população negra. Tal paradigma se originou do envidar de esforços em mostrar como quer na teoria quer na práxis a *raça* e a *classe* não são marcadores antagônicos, senão complementares e indissociáveis (Montañez Pico, 2020).<sup>4</sup>

O marxismo negro seria a “calibanização” do marxismo. Esse instrumental analítico enfatiza que o pensamento crítico, os protestos raciais e as insurgências negras diaspóricas vincam-se em lógicas próprias e originais, ainda que se expressem em termos ocidentais. Assim, no marxismo negro, é a teoria marxista que se ajusta e se reinventa para apreender a dinâmica histórica, as tradições e experiências de vida da população negra, e não o contrário, conferindo ao “negro” um significado epistemológico que vai além da cor da pele da pessoa que o aciona. Em síntese, como argumenta Ramón Grosfoguel:

O que define os marxismos negros não é a cor da pele do autor, senão as teorias que nascem do pensamento crítico que se produz a partir da tentativa de teorizar a articulação entre dominação racial e exploração de classe a partir da experiência vivida de corpos negros em um mundo branco. Se é marxista

---

<sup>4</sup> O livro do antropólogo Daniel Montañez – *Marxismo negro: pensamiento descolonizador del Caribe anglófono* – foi traduzido para o português e vai ser publicado pela editora Dandara ainda em 2024. Sou autor de um dos textos da quarta capa dessa edição brasileira.

negro não pela cor da pele, mas pela perspectiva epistêmica a partir da qual se pensa (Grosfoguel, 2018, p. 19, tradução nossa)<sup>5</sup>.

É nesse cenário que se insere a revalorização da obra e das ideias de Moura, que tem sido apropriado de modo multifacetado: como intelectual negro, mas também como expressão emblemática do marxismo negro. Ocorre que sua produção estabelece um diálogo aberto e quicá disruptivo, tanto com os paradigmas intelectuais tradicionais de interpretação do Brasil de base eurocentrada, quanto com as correntes marxistas ortodoxas, que, curiosamente, também se originaram de matrizes epistêmicas de orientação eurocentrada.

Nota-se que se renovou o interesse por Moura, autor que atualmente está sendo reeditado por mais de uma casa editorial. Para além dos movimentos sociais (do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por exemplo), dos movimentos negros e dos partidos do campo da esquerda marxista, uma nova geração de pesquisadores – muitos dos quais pessoas negras da era das ações afirmativas – reconhece no intelectual piauiense um genuíno intérprete do Brasil, que conferiu novo estatuto à tradição negra radical na formação da nação.

Ultimamente, Moura tem sido tema de vários artigos, capítulos de livros e pesquisas de pós-graduação – em âmbito de mestrado e doutorado –, em diversas áreas, como história, direito, economia, educação, sociologia, antropologia e serviço social<sup>6</sup>. Sua obra tem comparecido aos programas das disciplinas de graduação e pós-graduação, principalmente no campo das humanidades.

Hoje, leva o seu nome um Núcleo de Pesquisas da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), um Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros, ligado ao Instituto de Economia da Unicamp, um Grupo de Estudos na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), um *campus* da Universidade Estadual do Piauí (UEPI), localizado na região do Grande Dirceu, e um Grupo de Trabalho, do governo do estado do Paraná, responsável pelo mapeamento das “comunidades negras remanescentes de quilombos”.

Está em curso um processo de monumentalização de Clóvis Moura, com seu nome convertido em memória, símbolo e referência, o que o leva a pavimentar, sinuosamente, um outro lugar no pensamento social brasileiro. Importa salientar que Moura vem sendo chancelado em escala crescente como um intérprete do Brasil

---

<sup>5</sup> A versão em português do artigo consta neste número de *Lutas Sociais*. Ver Grosfoguel (2023, p. 179-190).

<sup>6</sup> O *boom* de trabalhos acadêmicos sobre Clóvis Moura se deu nos últimos anos. Ver: Teresa Malatian (2019, 2020), Suzane Jardim Malanga (2019), Gabriel dos Santos Rocha (2021), Wanessa Horrara da Silva (2021), Nathan Barbosa dos Santos e Marcela Darido (2021), Weber Lopes Góes (2021), Marcos Queiroz e Rodrigo Portela Gomes (2021), Marcello Assunção (2022) e João Nunes da Silva (2022).

(Domingues, 2023), com apropriações acadêmicas, epistemológicas, políticas e ético-culturais diversas, de modo que já é possível conjecturar: seu nome saiu do limbo. E no que vai desembocar esse processo de consagração póstuma desse polígrafo? Só o tempo revelará.

## Referências

- ALMEIDA, Luiz Sávio (Org.). *O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: Edufal, 2003.
- ASSUNÇÃO, Marcello. As injustiças de Clio revisitado: Clóvis Moura e a crítica da branquitude no campo historiográfico. *História da Historiografia*, Ouro Preto, vol. 15, n. 38, p. 231-252, 2022.
- ANDRADE, José Maria Vieira de. *Sem candura nas palavras: Clóvis Moura e os dilemas intelectuais do antirracismo no Brasil (1959-1995)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- DOMINGUES, Petrônio. Clóvis Moura: um intérprete do Brasil. In: MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Dandara, 2023, p. 14-22.
- \_\_\_\_\_. ; MATA, Iacy Maia. Tradição negra radical e marxismo: C. L. R. James e a Revolução de São Domingos. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico; SILVA, Jair Batista da (org.). *Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista*. Chapecó: Autores Associados, 2021, p. 210-233. (Coleção Marxismo, v. 21).
- \_\_\_\_\_. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Ed. Senac, 2003b.
- \_\_\_\_\_. O injustiçado de *clio*. In: ALMEIDA, Luiz Sávio (org.). *O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: Edufal, 2003a, p. 187-214.
- FARIAS, Márcio. *Clóvis Moura e o Brasil: um ensaio crítico*. São Paulo: Dandara, 2019.
- FERREIRA, Mary Vânia Nogueira. *“Raça” e classe no pensamento social brasileiro: uma abordagem sobre a obra de Clóvis Moura*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.
- GÓES, Weber Lopes. A crítica de Clóvis Moura ao racismo à brasileira e ao pensamento conservador. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico; SILVA, Jair Batista da (org.). *Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista*. Chapecó: Autores Associados, 2021, p. 393-418.

- \_\_\_\_\_.; CORREIA, Renato Pereira. Clóvis Moura: delineamentos gerais para a superação do racismo à brasileira. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol. 19, n. 34, p. 174-185, 2015.
- GOMES, Nilma. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 492-516.
- GROSFOGUEL, Ramón. Negros marxistas ou marxismos negros: um olhar decolonial. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol. 27, n. 51, p. 179-190, 2023.
- \_\_\_\_\_. ¿Negros marxistas o marxismos negros?: una mirada descolonial. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 28, p. 11-22, 2018.
- MALANGA, Suzane Jardim. *Quilombos e quilombagem no ensino de História: estudo sobre a contribuição paradigmática de Clóvis Moura*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.
- MALATIAN, Teresa. *Clóvis Moura: uma biografia*. Terezinha: Ed. UESPI, 2022.
- \_\_\_\_\_. Da antropologia cultural ao materialismo histórico: primeiros estudos de Clóvis Moura sobre o negro. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, vol. 22, n. 2, p. 123-136, 2020.
- \_\_\_\_\_. Um jornalista combatente: Clóvis Moura, Flama e a política cultural do PCB (1951-1952). *História*, São Paulo, vol. 38, p. 1-23, 2019.
- MESQUITA, Érika. Clóvis Moura (1925-2003). *Afro-Ásia*, Salvador, vol. 1, n. 31, p. 337-356, 2004.
- \_\_\_\_\_. Clóvis Moura e a sociologia da práxis. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, vol. 25, n. 3, p. 557-577, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- MONTAÑEZ PICO, Daniel. *Marxismo negro: pensamiento descolonizador del Caribe anglófono*. Ciudad del México: Akal, 2020.
- MOURA, Clóvis. Um balanço dos últimos estudos sobre a escravidão e as relações raciais no Brasil. Entrevistador: Petrônio Domingues. *Ethnos Brasil*, São Paulo, n. 4, p. 10-16, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Ed. USP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *As encruzilhadas dos orixás: problemas e dilemas do negro brasileiro*. Maceió: Edufal, 2003.
- \_\_\_\_\_. O racismo como arma ideológica de dominação. *Princípios*, São Paulo, n. 34, p. 28-38, 1994b.

- \_\_\_\_\_. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1994a.
- \_\_\_\_\_. *As injustiças de Clóvis: o negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- \_\_\_\_\_. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Brasil: raízes do protesto negro*. São Paulo: Global, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O negro, de bom escravo a mau cidadão?*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Zumbi, 1959.
- MOURA, Giselda Steiger. *Carta*. Destinatário: Petrônio Domingues. São Paulo, 30 jun. 2004. 1 carta.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura: trajetória intelectual, práxis e resistência negra*. Salvador: Ed. UNEB, 2016.
- \_\_\_\_\_. Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 18, n. 1, p. 45-64, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Clóvis Moura e sociologia da práxis negra*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- PASCHEL, Tianna S. *Becoming Black Polical Subjects: movements and ethno-racial rights in Colombia and Brazil*. New Jersey: Princeton University Press, 2016.
- PEREIRA, João Baptista Borges. O último legado de Clóvis Moura. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 18, n. 50, p. 311-312, 2004.
- RAÇA E CLASSE. Revista da Secretaria Nacional de Negros e Negras do PSTU. São Paulo: Ed. Desafio, [s.d.].
- ROBINSON, Cedric James. *Marxismo negro: a criação da tradição radical negra*. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- ROCHA, Gabriel dos Santos. Clóvis Moura: sociabilidade e formação intelectual (1940-1950). *Revista Sem Aspas*, Araraquara, vol. 10, p. 1-16, 2021.
- QUEIROZ, Marcos e GOMES, Rodrigo Portela. A hermenêutica quilombola de Clóvis Moura: teoria crítica do direito, raça e descolonização. *Revista Culturas Jurídicas*, Niterói, vol. 8, n. 20, p. 733-754, 2021.
- SANTOS, Nathan Barbosa dos; DARIDO, Marcela. Clóvis Moura e a materialidade da raça na luta de classes. *Cadernos Cemarx*, Campinas, vol. 14, p. 1-19, 2021.



- SILVA, Ana Paula Procopio da. *O contrário de “casa grande” não é senzala. É quilombo! A categoria práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SILVA, João Nunes da. *Contribuição teórica de Clóvis Moura para compreensão da questão racial na particularidade brasileira*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, 2022.
- SILVA, Wanessa Horrana Francisca da. *Trajetória política e intelectual de Clóvis Moura (1959-1989): quilombagem, práxis negra e antirracismo de um intérprete do Brasil*. 2021. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- SOUZA, Gustavo Orsolon de. *Rebeliões da Senzala: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro*. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.
- VIEIRA, Cleber Santos. Imprensa e resistência negra em Clóvis Moura: de documento histórico a grupo específico de autodefesa (1959-1983). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, vol. 14, n. 1, p. 365-386, 2018.
- \_\_\_\_\_. Clóvis Moura e a fundação do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. *Revista da ABPN*, Curitiba, vol. 9, n. 22, p. 349-368, 2017.

## ANEXO

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**  
**Serviço de Pós-Graduação**

### ATA DE DEFESA DE MESTRADO

Aos 14 de fevereiro de 2001, no Salão Nobre desta Faculdade, realizou-se a Defesa de Dissertação de Mestrado apresentada pelo Sr. **Petronio José Domingues**, intitulada: **“ Uma História não Contada. Negro, Racismo e Trabalho no Pós-Abolição em São Paulo (1889-1930) ”** para obtenção do Título de Mestre em Ciências: História Econômica. A Comissão Examinadora foi constituída pelos Prof. Dr. Clóvis Steiger de Assis Moura, Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez e presidida pelo Prof. Dr. Wilson do Nascimento Barbosa, Orientador do candidato. O Sr. Presidente, após declarada aberta a sessão, deu a palavra aos examinadores, os quais passaram a arguir o candidato. Terminadas as arguições, que se desenvolveram nos termos regimentais, a Comissão, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo-se obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Clóvis Steiger de Assis Moura

**Aprovado**

Prof.ª Dr.ª Leila Maria Gonçalves Leite

**Aprovado**

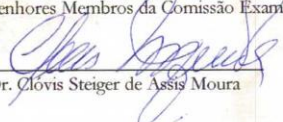
Prof. Dr. Wilson do Nascimento Barbosa

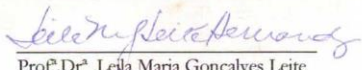
**Aprovado**

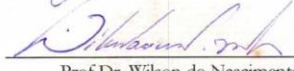
**A banca examinadora considera a seriedade e o cuidado com que foram tratadas as fontes, aliada à clareza sobre o tema básico sobre que versou, um traço peculiar a ressaltar como obra de historiador. O trabalho é indicado para publicação, incorporadas que sejam pelo Autor as sugestões que foram apresentadas, como adequadas à revisão do texto.**

À vista deste julgamento, o Sr. **Petronio José Domingues** foi considerado **aprovado**, fazendo jus ao Título de Mestre em Ciências: História Econômica.

Para constar eu, Regina Celi Sant'Ana, lavrei a presente Ata que vai assinada pelos Senhores Membros da Comissão Examinadora. São Paulo, em 14 de fevereiro de 2001.

  
Prof. Dr. Clóvis Steiger de Assis Moura

  
Prof.ª Dr.ª Leila Maria Gonçalves Leite  
Hernandez

  
Prof. Dr. Wilson do Nascimento Barbosa  
Orientador

**Título homologado pela**  
**C.P.G. em 15/11/2001**